

Vírus da Aids ameaça índios Tiriyós

Tribo que habita o Parque Tumucumaque, no Pará, já registrou dois casos da doença. Funai está preocupada com a promiscuidade sexual

Marcelo de Moraes
Da equipe do Correio

Os índios brasileiros que aprenderam a sobreviver ao contato com os vírus banais transmitidos pelas civilizações não-índias acabaram batendo de frente com o mais devastador de todos eles: o HIV. Já foram registrados dois casos de Aids entre os membros da tribo dos Tiriyós, que fica no Parque Indígena do Tumucumaque, no Pará, muito próximo do Amapá e do Suriname. Erina Tiriyó, 28 anos, morreu em fevereiro. Suely Sakoane teve no final de outubro a confirmação de ser portadora do HIV, vírus que transmite a Aids.

O caso se torna mais grave porque existe o risco de a doença ter sido espalhada entre outros índios por Suely. A índia esteve hospedada na Casa do Índio, em Macapá, de setembro até o dia 31 de outubro. Em setembro, a Fundação Nacional do Índio (Funai) ainda não sabia que Suely estava contaminada. Enquanto esteve na Casa do Índio, ela teve relacionamento sexual com quatro índios da tribo dos Waiápi (localizada no Amapá, a 310 quilômetros de Macapá) e não usou preservativos.

Imediatamente os índios foram submetidos a exames que não apontaram qualquer sinal da doença. No entanto, existe o medo de que o vírus venha a se manifestar mais tarde. Suely foi levada no dia 31 de outubro por um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) para a aldeia de sua tribo.

PERIGO NA FRONTEIRA

Segundo o administrador regional da Funai no Pará, Joel Bezerra Ribeiro, existe o risco de ter havido contaminação na tribo dos Tiriyós. A Funai já começou a coletar sangue dos índios e passou a fazer uma campanha de esclarecimento

para que a tribo evite a contaminação. Até agora, nenhum novo caso foi descoberto, mas isso não elimina o perigo.

"Nós formamos uma equipe de técnicos ligados à área para fazer um levantamento na aldeia. Pelo menos, os primeiros exames feitos neles não atestaram nada. Mas isso não é garantia nenhuma", disse Joel.

Outro problema é o fato de a aldeia Tiriyó estar localizada entre a fronteira do Brasil com o Suriname. Os índios transitam pelos dois países e, possivelmente, Suely se contaminou no Suriname. Ela tinha um companheiro no Suriname e, quando este morreu, voltou para o lado brasileiro da fronteira para morar com a mãe.

A Funai suspeita que o companheiro de Suely tenha morrido de Aids. A informação recebida é de que ele definhou até morrer, um quadro semelhante ao que ocorre com as vítimas da doença.

A direção da Funai está tentando uma ação junto ao Itamaraty para saber das autoridades do Suriname se está havendo controle da doença do outro lado da fronteira. A avaliação dos técnicos da Funai é de que se não houver monitoramento no Suriname, o vírus pode se alastrar por causa da promiscuidade sexual da tribo.

"Não adianta nos prevenirmos somente do lado de cá e não protegermos o lado de lá. É uma área de fronteira e os índios são livres para transitar de um ponto para o outro", explica Joel.

No Congresso, o deputado Antônio Feijão (PSDB-AP) fez um discurso denunciando o risco de contaminação de todos os índios da região pela Aids.

"É uma situação extremamente séria que exige uma ação imediata das autoridades", afirmou no seu pronunciamento.

Tina Coêlho



o cacique Celestino (de cocar) ocupa, ao lado de outros líderes xavantes, a mesa de Gaiger: "Aonde foi o dinheiro?"